

O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SEMPRE ACCIDENTAL POLITICO.

Ille servare modum nostri novere libet;

Parcere personis, dicere de vitiis.

Marcial Liv. 10. Epist. 35.

Guardar o nome, e não as cousas;
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

O novo Reino do Rei João Antonio,
e companhia.

Quando li o Amadis de Gaula, e o Quijote, nunca tomei as pinturas, descrições do primeiro, se não por sonhos de imaginações desgrçadas, e ao segundo bem manifestamente descobri hum a eugenhosa, e delicada satyra á Cavallaria andante, vindo me dos Malandrin, dos Encantadores, dos Castellos encantados, dos exercitos de corneiros, e da imaginaria Polcinela del Tibasso: mas pensaria eu nunca de que em meus dias havia de apparcer, em Pernambuco lá para perto do sertão de Pajahú hum Reino encantado, e hum Rei chamado João Antonio? Quem mais vive mais yê: estamos no século das luzes, e não sei, se por isso se vêem das maravilhas.

Não me he desconhecida a Historia de Portugal, não só depois do seu 1.º Reino, como seculos antes, e ainda quando colonia dos Romanos, e depois dominada pelos Goths, Ostrogodos, &c. &c.; e não me recorde de ter visto hum só Rei com o nome de João Anto-

nio! Se esse Reino he esse por lá chamado Bastão, talvez não fosse Sebastião, que se quize por atarrachar as Profecias do Bandeira, do Prelho do Japão, &c. &c., e toda a farragem da Seita desses pobres montecaplos, jurasse já, que era chegado o Encolerto, e surgia do meio do mar (onde dizem alguns Doctores da Seita, se acha encantado) apresentando-se são, e correito na Pedro Bonita em Pajahú de Flores! E quantos não irião abalando d'aqui para ter a dita de bejar a mão ao seu querido D. Sebastião, por quem sempre esperarão com tanto fundamento, como os Judeos ainda esperão o Messias! Mas hum Rei com o nome escoteiro de João Antonio... .. excede á minha espectação, e de certo não poderá grangear as sympathias da manada Sebastica; por que não haverá força tal interpretativa do Apocalypse, e de todas as Profecias, que possa demonstrar, que D. Sebastião, e João Antonio vem a ser o mesmo, e significar a mesma cousa.

Se o tal Compadre Mané Chico, o

João Antonio, se contentasse de cingir-se de hum cinto de cipó, e ser aclamado Rei dos tollos; apenas mereceria o riso da compaixão, e quando muito ser trazido para o seu natural Palacio, que he o Camo, onde o metterião no manto de linho, vestuario proprio de taes Reis, onde seria tractado com refrigerantes, com bichas, &c. &c. até desencantar-se: mas o caso tomou hum character horroroso; por que o Rei João Antonio tinha entrilhas de Buzyres; quiz sacrificios humanos, e que fossem degolados com Meninos d'ambos os sexos. Se o sacrificio fosse de cem bois, teriamos hum novo Pythagoras com a sua *Hecatombe*: sendo porém de cem meninos, que nome se lhe daria em Grego. E o que excede a toda a admiração he, que os pais, e ainda mais as proprias mãs entregassem seus filhinhos ao matadouro, como se se tractasse de huma matança d'ovelhas!!! A quanto pode chegar a ignorancia, e superstição! Que bruteza! que barbaridade!

He de se João Antonio papa-meninos deo homem por si na pessoa do Pontifice João Ferreira, denominando Sua Sanctidade, que foi quem promoveo, e decretou a carnificina dos innocentes: mas seu irmão Pedro assassinou-o, e eíngio o Real Cipó. O Rei João Ferreira, cujo Reinado foi brevisimo, não só era assassino desapiadado, se não grandemente sensual; por que tractou logo de casar com sete mulheres, e estabeleceu a Polygamia em seu novo Estado da Pedra Bonita. Dar-se á caso, que S. Magestade João Ferreira fosse versado nas maximas do Philosophismo? O seu procedimento assim o incalca. Parece hum sonho quanto se conta desse caso nunca visto, e eu de certo o não acreditára, se me não merecesse muito conceito de veracidade o mui digno Prefeito de Pajabú.

Dixemos porém ás Leis a tarefa de punir taes crimes; e permitta-se-me chamar a attenção de meus Illustres

Leitores para hum objecto analogo: Sim vinde cá, meus arrachadores de Republicas de parassos, e me com sinceridade, ao menos dizeis á vossa propria consciencia, Isto he paiz, em que se possa estabelecer com prosperidade o Governo Democratico? Hum paiz, onde achão sequito hum caneludo, que se aclama o Rei João Antonio, S. Sanctidade João Ferreira, e logo outro Rei Pedro, talvez Pedro Caffô; hum paiz, onde a barbara estupidez chega a ponto das proprias mãs entregarem seus filhinhos para serem assassinados, a fim de que com o seu sangue purificassem, e desencantassem o novo Reino, será apto para hum Regimen, que deve basear-se na industria, e na virtude? Hum Paiz, onde há quem dê credito, e siga a hum barbaro estupidissimo, que se aclama Rei corado de cipó, onde há quem logo case com quantas mulheres lhe parece, estará nas circunstancias de governar Democraticamente? Saberá apreciar, e regular a Liberdade hum povo, em que apparece tanta estupidez, e immoralidade?

He falso, e falsissimo o dizer-se, que o homem nasce livre. O homem nasce pelo contrario o mais dependente, o mais escravo, o mais miseravel de todos os animaes. O homem sim nasce capaz de ser livre, assim como nasce capaz de ser instuctor: quem o torna livre he a educação, he o desenvolvimento intellectual, e sobre tudo a Religião de J. C., unica Religião, que nos ensina a ser verdadeiramente livres. "Vós conhecereis a verdade (piz o Divino Mestre em S. João) e ella vos fará livres." D'aqui se conclue em boa Logica, que nem todos os Povos estão no caso de gozar do mesmo grau de Liberdade; pois esta deve seguir a razão directiva da sua educação, do seu desenvolvimento intellectual, da sua Industria, e mais que tudo da sua Religiosidade: pelo que se me perguntarem qual he o Povo, a quem compete maior somma de liber-

dade; não hesitare em responder: he aquelle, em que se der mais industria, mais cultura, mais, e mais Religião.

Os nossos Republicqueiros, geralmente fallando, ou são pescadores matreiros, que perderão o laço, e por isso estão zangados com o actual Regimen, em que lhes fálhou o pescado, ou são hums melquethes, e chichimecos perfeitamente vadios, que querem especular sobre o desordem publica, e sahir-se da nullidade, em que tristemente se debatem, ou são alguns (poucos) illudidos, que levados de formosas theorias, e bellas utopias, julgão, que o Brazil já tem chegado á sua completa maduração, e pode gozar da maior liberdade imaginavel.

Não gastarei tempo, e palavras em chamar á razão ás duas primeiras classes de Republicqueiros; por que o seu erro não vem do entendimento; sim unicamente de hum vontade ambiciosa, e depravada. Taes homens não se convencem com argumentos: só lhes approva a vigilancia de hum Policia activa, e perspicaz. Eu só me dirijo aos poucos Republicqueiros de boa fé; e lhes pergunto " O que pretendéis, meus bons Patricios? Liberdade. Nós temos em a Monarchia Constitucional Representativa tanta, quanta occorre, e talvez mais alguma cousa, do que o pedem a nossa população, e circumstancias: além do que a liberdade não he o fim, porém o meio de preencher o destino social, que não pode ser outro, se não a felicidade publica; donde he de se concluir, que he preciso proporcionar os graus de Liberdade ás circumstancias de cultura, de habitos, e costumes, em que estiverem os Povos, de sorte que a Liberdade he hum instrumento, que só deve ser deixado em poder de quem o saiba manejar.

Não nos cegue o amor proprio, nem nos iludamos a respeito do nosso Paiz. A cultura intellectual, a industria, a civilisação do Brazil limitão-se ás Capi-

taes do seu litoral, e a hum, ou outra villa mais consideravel do interior. Neste á excepção de alguns homens, que communicão directamente com as Cidades, tudo o mais vive na mais crassa ignorancia, e o que mais he, no lodo dos vicios mais immundos. O continuo tracto com a escravaria tem inoculado em a nossa população habitos grosseiros, hum predomínio selvagem, e hum vida licenciosa, que muito tem corrompido a nossa moralidade. A mesma igualdade legal, fundamento das verdadeiras Republicas, e de todo o Governo livre, essa igualdade tão gabada dos nossos Republicqueiros, não passa de hum nome vão para imbaír a credulidade dos tolos. Em hum paiz d'escravatura, em hum paiz, onde quem nasce livre vai logo desde menino observando a incomensuravel distancia do Senhor ao escravo, igualdade he hum chimera, ou humza humza. E será possível, que com tal situação se estabeleça, e medre hum Governo Republicano? Hum paiz, onde hum crúcco Serenãojão coroa-se de cipó, e aclama-se Monarca de hum Reino encantado, e este palhaço chamado o Rei João Antonio, ou Rei João Fereira, ou Rei Pedro Cafôfo persuadem a pais, e mãis, que entreguem seus filhos para serem degolados, dá hum prova cabal do seu estado de rusticidade, e coneguintemente que está bem longe de possuir as lozes, os habitos, e virtudes, indispensaveis em huma Republica.

Que gente temos pois para essa Republica? O Brazil por ventura he só a população do litoral? Mesmo por aqui q' ignorancia não surge de todas as partes? Que difficuldades não há muitas vezes em encontrar capacidades para os diversos empregos, e cargos do Estado! E como ainda há quem se lembre de Republicas no Brazil? A massa do nosso povo ainda he tão ignorante, e tão pouco morigerada, que para ella Republica he synonyma de roubo, de malança

de toda a lei de desenvoltura: e he com taes elementos, que se querem fazer Republica? Então bem-se por estes meios, e vão pastar do pouco, e nenhumo respeito, que ali se recebem as leis, a facilidade, e impunidade, com que se perpetuão os maiores crimes: o quanto por ali se larateão as vingas dos particulares, e sem que os Magistrados possam proceder na punção do crime; por que atrição se a incorrer no desgraço da mór parte dos poderosos, que entre tantos Velhos da Montanha acco- lhem faccin rosos, tem sicarios assolda- dos, que são ministros infernaes de seus caprichos, de seus furros, e vi- gangas, de maneira que geralmente fal- lando, e com poucas excepções os direi- tos, e deveres do cidadão sã por eis s- matos são muitas vezes decididos em ul- tima instancia pelas bocas dos bacan- nates: e he com tal gente, que ha de vingar o Regimen Democratico entre nós?

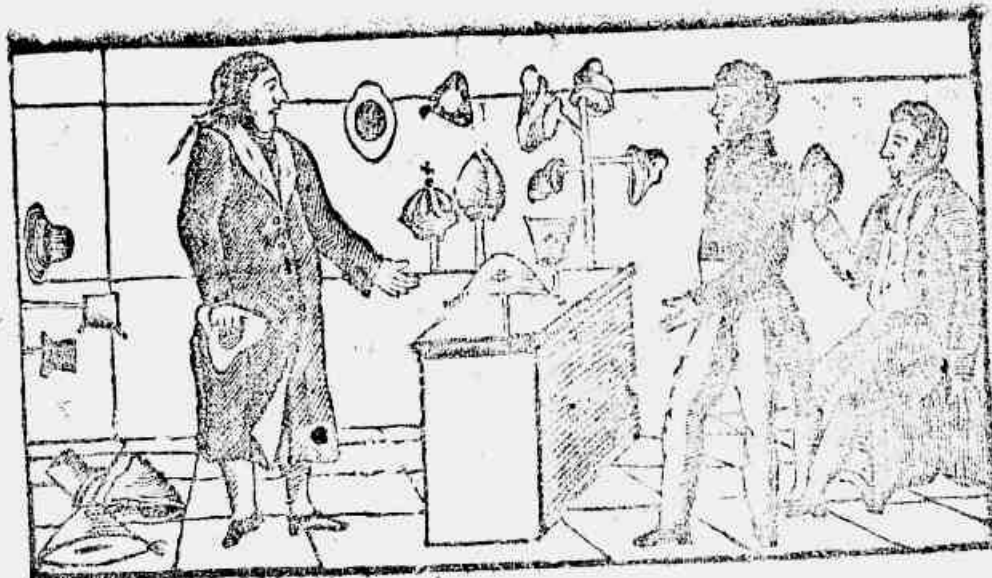
A Aristocracia, de que tanto mal fal- ta, os seus promotores politicos, he a balda principal do Povo do Brazil. Basta, que qualquer seia, ou se julga de raça branca para olhar com certo desprezo para os que elle considera mas avados, e d'ahi até o escravo da Costa d'Africa. O pardo despreza o preto crioulo, este superiorisa-se do Af- ricano; e todos fallão muito na tal igu- aldade, que só querem da sua classe pa- ra cima, e nunca para baixo. E pode prestar para nada hum Democracia com tal gente? Hum dolorosa expe- riencia já nos não terá escarmentado so- brejamento, que taes revoluções no Bra- zil são obra de expertsibões, e rasgados, que se querem locupletar á custa dos papalvos, que os seguem, e creem no seu palavreado hipocrita? E quantos podera eu enlugar, que outr'ora erão humas Democracias ambulantes, huns declamadores eternos contra todas as testas coroadas; e hoje são humilissi- mos escravos, e viz aduladores do Po-

der, embora este se ache não em os Ce- dros do Libano, — muitas vezes colo- cado em idolos de — de larateira! E ainda ha quem accedat a os nossos badamscos architectores de Republicas? *Credat Judeus Apella, non ego.*

Por me pronunciar constantemente contra a desgraça de Republicas no Bra- zil, não conclua alguém, que me tal q ei no extremo opposto, he; que de eja o regresso da Monarchia absolu- ta. Não, nã longe estou de encetar por essas pedras cobras do Egypto: nem cabe em cabeca, que pensa, que volta de bom grado para hum regimen de puzis, e d'imposturas hum Povo, que já sahio a alguma cousa de hum Governo livre. De mais q isera, q e e ses, que desejão huma Monarchia ab- soluta, m dissessem, se elles tem a vir- tude fabulosa de Prime heo. Se procla- mado o seu predilecto regimen, nã p- mettem formar homens de inteireza, e sa'er consumido para serem empregados nos innumeraveis ramos da Publica Administ açã. Estou certo, que nã logo hão-se de temer com a louça de casa: hão se de servir dos mesmos ho- mens, dos mesmos elementos, e por tanto *erit novissimus error peior prio- ri*. Os absolutistas Monarchicos não passão de meia dúzia d'ambiciosos, que querem á sombra do Throno en- her-se de riquezas, e prestijos, assim como os demagogs, que se dão de libertar os Povos.

Concluirei affirmando, que a Monar- chia Constitucional Representativa, se- rá o meu norte, como sempre foi. Re- formem-se sim pelos tramites legais as leis, e instituições, que a experiencia nos tem mostrado defeituosas, ou incompatíveis com as nossas circumstân- as: vamos pouco, e pouco remedia- do os nossos males, e sejão boas de salvação a Religião Catholica, a Constituição, e o Imperador: nada m- is, e nada mais.

Print: no Typ. de M. F. de Faria 1838



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SOPEL ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial. Liv. 10. Epist. 33

Guardarei nesta folha as regras boas;
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*O novo Reino do Rei João Antonio,
e companhia.*

Quando li o Amadis de Gaúla, e o D. Quixote, nunca tomei as pinturas, e descrições do primeiro, se não por sonhos de imaginações desregradas, e no segundo bem manifestamente descobri huma engenhosa, e delicada satyra á Cavallaria andante, vindo me dos Malandrin, dos Encantadores, dos Castellos encantados, dos exercitos de carneiros, e da imaginaria Dulcinea del Toboso: mas pensaria eu nunca de que em meus dias havia de apparecer, em Pernambuco lá para perto do sertão de Pajahú hum Reino encantado, e hum Rei chamado João Antonio? Quem mais vive mais vê: estamos no S. culo das luzes, e não sei, se por isso também das maravilhas.

Não me he desconhecida a Historia de Portugal, não só depois do seu r.º Affonso, como seculos antes, e ainda quando colonia dos Romanos, e depois dominada pelos Godos, Ostrogodos, &c. &c.; e não me recordo de ter visto hum só Rei com o nome de João Antonio!

Se esse feiticeiro fizesse por lá chamada Bastião, talvez não fosse Sebastiãoista, que seguiu-o por atarrachar as Profecias do Bandarra, do Pretinho do Japão, &c. &c., e toda a farragem da Sceita desses pobres mentecaptos, jurasse já, que era chegado o Encoberto, e surgira do meio do mar (onde dizem alguns Doctores da Sceita, se acha encantado) apresentando-se são, e escoreito na P.ª da Bonita em Pajahú de Flores! E quantos não irião abalando d'aqui para ter a dita de bejar a mão ao seu querido D. Sebastião, por quem sempre esperarão com tanto fundamento, como os Judeos ainda esperão o Messias! Mas hum Rei com o nome escoreteiro de João Antonio..... excede á minha especção, e de certo não poderá grangear as sympathias da manada Sebastica; por que não haverá força tal interpretativa do Apocalypse, e de todas as Profecias, que possa demonstrar, que D. Sebastião, e João Antonio vem a ser o mesmo, e significar a mesma cousa.

Se o tal Compadre Mané Chico, ou

João Antonio, se contentasse de cingir-se de hum coroa de cipó, e ser aclamado Rei dos tollos; apenas mereceria o riso da compaixão, e quando muito ser trazido para o seu natural Palacio, que he o Carmo, onde o metterião no manto de linho, vestuario proprio de taes Reis, onde seria tractado com refrigerantes, com bichas, &c. &c. até desencantar-se: mas o caso tomou hum caracter horroroso; por que o Rei João Antonio tinha entrinhas de Buzires; quiz sacrificios humanos, e que fossem degolados cem Meninos d'ambos os sexos. Se o sacrificio fosse de cem bois, teriamos hum novo Pythagoras com a sua *Hecatombe*: sendo porém de cem meninos não sei, que nome se lhe daria em Grego. E o que excede a toda a admiração he, que os pais, e ainda mais as proprias mãs entregassem seus filhinhos ao matadouro, como se se tractasse de huma matança d'ovellas!!! A quanto pode chegar a ignorancia, e superstição! Que bruteza, que barbaridade!

Este Sei João Antonio papa-meninos deo homem por si na pessoa do Pontifice João Ferreira, denominado Sua Sanctidade, que foi quem promoveo, e decretou a carnificina dos innocentes: mas seu irmão Pedro assassinou-o, e cingio o Real Cipó. O Rei João Ferreira, cujo Reinado foi brevissimo, não só era assassino desapiedado, se não grandemente sensual; por que tractou logo de casar com sete mulheres, e estabeleceo a Polygamia em seu novo Estado da Pedra Bonita. Dar-se-á caso, que S. Magestade João Ferreira fosse versado nas maximas do Philosophismo? O seu procedimento assim o inculca. Parece hum sonho quanto se conta desse caso nunca visto, e eu de certo o não acreditára, se me não merecesse muito conceito de veracidade o mui digno Prefeito de Pajahú.

Deixemos porém ás Leis a tarefa de punir taes crimes; e permitta-se-me chamar a attenção de meus Illustres

Leitores para hum objecto analogo. Sim vinde cá, meus atarrachadores de Republicas de parafuso, dizei-me com sinceridade, ao menos dizei lá á vossa propria consciencia, Isto he paiz, em que se possa estabelecer com prosperidade o Governo Democratico? Hum paiz, onde achão sequito hum caneludo, que se aclama o Rei João Antonio, S. Sanctidade João Ferreira, e logo outro Rei Pedro, talvez Pedro Calôfo; hum paiz, onde a barbara estupidez cheg. a ponto das proprias mãs entregarem seus filhinhos para serem assassinados, a fim de que com o seu sangue purificassem, e desencantassem o novo Reino, será apto para hum Regimen, que deve basear-se na industria, e na virtude? Hum Paiz, onde há quem dê credito, e siga a hum barbaro estupido, que se aclama Rei coroado de cipó, onde há quem logo case com quantas mulheres lhe parece, estará nas circumstancias de governar-se Democraticamente? Saberá apreciar, e regular a Liberdade hum povo, em que apparece tanta estupidez, e immoralidade?

He falso, e falsissimo o dizer-se, que o homem nasce livre. O homem nasce pelo contrario o mais dependente, o mais escravo, o mais miseravel de todos os animaes. O homem sim nasce capaz de ser livre, assim como nasce capaz de ser instruido: quem o torna livre he a educação, he o desenvolvimento intellectual, e sobre tudo a Religião de J. C., unica Religião, que nos ensina a ser verdadeiramente livres. "Vós conhecereis a verdade (piz o Divino Mestre em S. João) e ella vos fará livres." D'aquí se conclue em boa Logica, que nem todos os Povos estão no caso de gozar do mesmo grau de Liberdade; pois esta deve seguir a razão directa da sua educação, do seu desenvolvimento intellectual, da sua Industria, e m. que tudo da sua Religiosidade: pelo que se me perguntarem qual he o Povo, a quem compete maior somma de liber-

dade; não hesitarei em responder: he aquelle, em que se der mais industria, mais cultura mental, e mais Religião.

Os nossos Republicueiros, geralmente fallando, ou são pescadores matreiros, que perderão o lanço, e por isso estão zangados com o actual Regimen, em que lhes fálhou o pescado, ou são hums melquetrefes, e chuchimecos perfeitamente vadios, que querem especular sobre a desordem publica, e salhir-se da nullidade, em que tristemente se debatem, ou são alguns (poucos) illudidos, que levados de formosas theorias, e bellas utopias, julgão, que o Brazil já tem chegado á sua completa maturação, e pode gozar da maior liberdade imaginavel.

Não gastarei tempo, e palavras em chamar á razão ás duas primeiras classes de Republicueiros; por que o seu erro não vem do entendimento; sim unicamente de hum a vontade ambiciosa, e depravada. Taes homens não se convencem com argumentos: só lhes aproveita a vigilancia de hum a Policia activa, e perspicaz. Eu só me dirijo aos poucos Republicueiros de boa fé; e lhes pergunto "O que pretendes, meus bons Patricios? Liberdade. Nós temos em a Monarchia Constitucional Representativa tanta, quanta carecemos, e talvez mais alguma cousa, do que o pedem a nossa população e circunstancias: além do que a liberdade não he o fim, porém o meio de preencher o destino social, que não pode ser outro, se não a felicidade publica; donde bem se conclue, que he preciso proporcionar os graus de Liberdade ás circunstancia de cultura, de habitos, e costumes, em que estiverem os Povos, de sorte que a Liberdade he hum instrumento, que só deve ser deixado em poder de quem o saiba manejar.

Não nos cegue o amor proprio, nem nos illudamos a respeito do nosso Paiz. A cultura intellectual, a industria, a civilisação do Brazil limitão-se ás Capi-

taes do seu litoral, e a hum a; ou outra villa mais consideravel do interior. Neste á excepção de alguns homens, que communição directamente com as Cidades, tudo o mais vive na mais crassa ignorancia, e o que mais he, no lodo-gal dos vicios mais immundos. O continuo tracto com a escravaria tem inoculado em a nossa população habitos grosseiros, hum predominio selvagem, e hum a vida licenciosa, que muito tem corrompido a nossa moralidade. A mesma igualdade legal, fundamento das verdadeiras Republicas, e de todo o Governo livre, essa igualdade tão gabada dos nossos Republicueiros, não passa de hum nome vão para imbeir a credulidade dos tollos. Em hum paiz d'escravatura, em hum paiz, onde quem nasce livre vai logo desde menino observando a incomensuravel distancia do Senhor ao escravo, igualdade he hum a chimera, ou hum a burla. E será possível, que com tal população se estabeleça, e medre hum Governo Republicano? Hum paiz, onde hum rustico Seriauejo coroa-se de cipó, e aclama-se Monarca de hum Reino encantado, e este palhaço chamado o Rei João Antonio, ou Rei João Ferreira, ou Rei Pedro Cafôfo persuadem a pais, e mãis, que entreguem seus filhos para serem degolados, dá hum a prova cabal do seu estado de rusticidade, e con-eguintemente que está bem longe de possuir as luzes, os habitos, e virtudes, indispensaveis em hum a Republica.

Que gente temos pois para essa Republica? O Brazil por ventura he só a população do litoral? Mas mo por aqui q' ignorancia não surge de todas as partes? Que dilli alidades não há muitas vezes em encontrar capacidades para os diversos empregos, e cargos do Estado! E como ainda há quem se lembre de Republicas no Brazil? A massa do nosso povo ainda he tão ignorante, e tão pouco morig e da, que para ella a Republica he synonyma de roubo, de matança

e de toda a laia de desenvoltura: e he com taes elementos, que se querem fazer Republicas? Entranhem-se por esses matos, e vão pasmar do pouco, ou nenhum respeito, que ali m' recebem as leis, a facilidade, e impunidade, com que se perpetrão os maiores crimes, o quanto por ali se barateão as vinganças particulares, e sem que os Magistrados possam proceder na punição do crime; por que arriscã-se a incorrer no desagrado da mór parte dos poderosos, que entre tantos Velhos da Montanha acolhe facinorosos, tem sicarios assoldados, que são ministros infernaes de seus caprixos, de seus furores, e vinganças, de maneira que geralmente fallando, e com poucas excepções os direitos, e deveres do cidadão lá por esses matos são muitas vezes decididos em ultima instancia pelas bocas dos bacamartes: e he com tal gente, que ha de vingar o Regimen Democratico entre nós?

A Aristocracia, de que tanto mal fallão os nossos papagueadores politicos, he a balda principal do Povo do Brazil. Basta, que qualquer seja, ou se julgue de raça branca para olhar com certo desprezo para os que elle considera mascarados, e d'ahi até o escravo da Costa d'Africa. O pardo despreza o preto creoulo, este superiorisa-se do Africano; e todos fallão muito na tal igualdade, que só querem da sua classe para cima, e nunca para baixo. E pode prestar para nada humia Democracia com tal gente? Hum dolorosa experiencia já nos não terá escarmentado sobrejamente, que taes revoluções no Brazil são obra de espertalhões, e rasgados, que se querem locupletar á custa dos papalvos, que os seguem, e creem no seu palavreado hipocrita? E quantos podera eu endigitar, que outr'ora erão humas Democracias ambulantes, hums declamadores eternos contra todas as testas coroadas; e hoje são humilissimos escravos, e yiz aduladores do Po-

der, embora este se ache não em os Cedros do Libano, mas muitas vezes collocado em idolos de pau de laranjeira! E ainda ha quem acredite em os nossos badamecos architectores de Republicas? *Credat Judeus Apella, non ego.*

Por me pronunciar constantemente contra a desgraça de Republicas no Brazil, não conclua alguem, que me baquei no extremo opposto, isto he; que deje o regresso da Monarchia absoluta. Não, não longe estou de chorar por essas podres cabecas do Egypto: nem cabe em cabeca, que pensa, que volta de bom grado para hum regimen de caprixos, e d'imposturas hum Povo, que já saboreou a guma coisa de hum Governo livre. De mais quizeria, que esses, que desejão huma Monarchia absoluta, m' dissessem, se elles tem a virtude fabulosa de Prometheo. Se proclamado o seu predilecto regimen, nos promettem formar homens de inteireza, e saber consumidos para serem empregados nos innumeraveis ramos da Publica Administacão. Estou certo, que não: logo hão-se de remedear com a louça de casa: hão-se de servir dos mesmos homens, dos mesmos elementos, e por tanto *erit novissimus error peior priori*. Os absolutistas Monarchicos não passam de meia duzia d'ambiciosos, que querem á sombra do Throno encher-se de riquezas, e prestigios, assim como os demagogos a titulo de libertar os Povos.

Concluirei afirmando, que a Monarchia Constitucional Representativa, será o meu norte, com o sempre foi. Reformem-se sim pelos tramites legais as leis, e instituições, que a experiencia nos tem mostrado defeituosas, ou incompativeis com as nossas circumstancias: vamos pouco, e pouco remediando os nossos males, e sejam as nossas taboas de salvação a Religião Catholica, a Constituição, e o Imperador: nada mais, e nada menos.